

**“CERTAMENTE, JUNTAS, NÓS VAMOS APRENDENDO MAIS”: A EMERGÊNCIA  
DE NOVIDADES ENTRE MULHERES AGROEXTRATIVISTAS NO BAIXO  
TOCANTINS (PA)**

Ellen Patricia Marques do Carmo, Universidade Federal do Pará.

Monique Medeiros; Professora e pesquisadora no Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (Ineaf), Universidade Federal do Pará, Programa de Pós- Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA) Universidade Federal do Pará (UFPA).

**Resumo** – No município de Cametá-PA, mais especificamente na Comunidade rural do Ajó, está localizada a Associação Agroextrativista dos Moradores do Ajó-AMA, composta por 11 (onze) mulheres agricultoras, que vêm construindo adaptações e rearranjos em suas práticas produtivas e organizacionais presentes em seus cotidianos que, favorecem iniciativas e novas estratégias que se configuram como desvios em relação ao modelo hegemônico da modernização agrícola. Com a atenção voltada a este coletivo, este artigo objetiva analisar iniciativas inovadoras, nas práticas produtivas e organizacionais construídas pelas agricultoras associadas à AMA, que colocam frente a frente conhecimentos e práticas das agricultoras na implantação de projetos para o desenvolvimento rural na Comunidade rural do Ajó. Com base em estudos de caráter qualitativo e, mais especificamente, em um estudo de caso focado na AMA, os resultados dessa pesquisa evidenciam a emergência de novidades produtivas e organizacionais na associação, relacionadas a transformação das frutas de simples fontes de consumo familiar ou alimentação animal para produtos comercializáveis; o estabelecimento da Agroindústria familiar da AMA; e o acesso a políticas públicas e novas formas de comercialização, como os mercados institucionais. De modo geral, a partir das lentes teóricas utilizadas na análise desta pesquisa foi possível evidenciar estratégias inovadoras desenvolvidas pelas agricultoras associadas à AMA, tendo por base o conhecimento contextual, que possibilitou a elas o desenvolvimento de novas estratégias ou práticas no meio rural em que estão inseridas.

**Palavras-chave-** Produção de Novidades; Associação Agroextrativista dos Moradores do Ajó; Agricultoras Familiares.

**"CERTAINLY, TOGETHER, WE KEEP LEARNING MORE":  
THE EMERGENCE OF INNOVATIONS AMONG AGRO-EXTRACTIVE WOMEN IN  
THE LOWER TOCANTINS (PA)**

**Abstract-** In the municipality of Cametá-PA, more specifically in the rural community of Ajó, the Agroextractivist Association of Residents of Ajó-AMA is located, made up of 11 (eleven) women farmers, who have been building adaptations and rearrangements in their productive and organizational practices present in their daily lives that favor initiatives and new strategies that constitute deviations in relation to the hegemonic model of agricultural modernization. With attention focused on this collective, this article aims to analyze innovative initiatives, in the productive and organizational practices built by women farmers associated with AMA, which put women farmers' knowledge and practices face to face in the implementation of projects for rural development in the rural community of Ajó. Based on qualitative studies and, more specifically, on a case study focused on AMA, the results of this research highlight the emergence of productive and organizational innovations in the association, related to the transformation of simple fruits sources of family consumption or animal feed for marketable products; the establishment of the AMA Family Agroindustry; and access to public policies and new forms of commercialization, such as institutional markets. In general, based on the theoretical lenses used in the

analysis of this research, it was possible to highlight innovative strategies developed by women farmers associated with AMA, based on contextual knowledge, which enabled them to develop new strategies or practices in the rural environment in which they are located. inserted.

**Keywords-** News Production; Agroextractivist Association of Residents of Ajó; Family Farmers.

## **"CIERTAMENTE, JUNTAS, SEGUIMOS APRENDIENDO MÁS": LA EMERGENCIA DE NOVEDADES ENTRE MUJERES AGROEXTRACTIVISTAS EN EL BAJO TOCANTINS (PA)**

**Resumen** – En el municipio de Cametá-PA, más específicamente en la comunidad rural de Ajó, se ubica la Asociación Agroextractivista de Vecinos de Ajó-AMA, integrada por 11 (once) mujeres agricultoras, quienes vienen construyendo adaptaciones y reordenamientos en sus prácticas productivas y organizativas presentes en su vida cotidiana, que favorecen iniciativas y nuevas estrategias que constituyen desvíos en relación al modelo hegemónico de modernización agrícola. Con la atención puesta en este colectivo, este artículo tiene como objetivo analizar iniciativas innovadoras, en las prácticas productivas y organizativas construidas por agricultoras asociadas al AMA, que confrontan conocimientos y prácticas de las agricultoras en la implementación de proyectos de desarrollo rural en el comunidad rural de Ajó. A partir de estudios cualitativos y, más específicamente, de un estudio de caso centrado en AMA, los resultados de esta investigación resaltan el surgimiento de innovaciones productivas y organizativas en la asociación, relacionadas con la transformación de frutas provenientes de fuentes simples de consumo familiar o de alimentación animal para productos comercializables; la creación de la Agroindustria Familiar AMA; y acceso a políticas públicas y nuevas formas de comercialización, como los mercados institucionales. En general, a partir de los lentes teóricos utilizados en el análisis de esta investigación, fue posible resaltar estrategias innovadoras desarrolladas por mujeres agricultoras asociadas a AMA, basadas en conocimientos contextuales, que les permitieron desarrollar nuevas estrategias o prácticas en el medio rural en que se encuentran insertados.

**Palabras clave-** Producción de Noticias; Asociación Agroextractivista de Vecinos de Ajó; Agricultores familiares.

### **Introdução**

No Brasil, a modernização da agricultura se configurou de forma progressiva e pontual, o que contribuiu com disparidades no espaço do campo, especialmente no que tange a produção (Souza, 2011). Tal realidade suscitou ações de resistência por parte dos agricultores familiares, que ao invés de vivenciarem de forma passiva os efeitos da modernização nos seus modos de vida, de acordo com as suas necessidades e interesses, passaram a construir novas conexões entre o desenvolvimento de tecnologias e o contexto sociocultural ao qual estavam inseridos.

Como resultados também desses processos passaram a ser criadas condições favoráveis para a “Produção de Novidades”. As novidades são definidas por Ploeg (2004) como novas práticas dos atores sociais que podem possibilitar melhorias ou resolver problemas que afetam cotidianamente seus processos de trabalho, sendo potencializada pelo conhecimento contextual, que é entendido como um processo de aprendizagem, gerado ao longo do tempo através do acúmulo de capacidades e habilidades tecnológicas.

Mais especificamente no contexto amazônico, na Comunidade rural do Ajó, localizada no município de Cametá, na Região do Baixo Tocantins, no estado do Pará, um grupo

conformado por 11 (onze) mulheres agricultoras vêm evidenciando tal capacidade efetiva de realizar transformações na realidade na qual está inserido. No ano de 2007, a Associação Agroextrativista dos Moradores do Ajó – AMA foi constituída de forma voltada à agricultura de base agroecológica e visando assegurar a reprodução social e econômica dessas mulheres e de suas famílias (Andrade e Alves, 2013).

A agricultura de base agroecológica baseia-se em relações harmônicas entre os humanos e o meio biofísico em que vivem e se relacionam, minimizando o impacto das atividades agrícolas no ambiente (Costabeber; Moyano, 2000). Nesse sentido, em uma abordagem agroecológica, as agriculturas são entendidas como a expressão de conhecimentos coletivos acerca de produção econômica e reprodução sociocultural. Estas são, portanto, o produto da inteligência criativa das populações rurais, em melhor alinhar seus meios de subsistência com a construção de ecossistemas sustentáveis. (Articulação nacional de agroecologia - ANA, 2007).

Por meio da coletividade, essas mulheres vêm construindo contra tendências aos projetos de desenvolvimento puramente economicistas que passaram a se instalar na região e consolidando adaptações e rearranjos em relações sociais e de trabalho. Justamente com a atenção voltada a este coletivo, este artigo<sup>1</sup> objetiva analisar iniciativas inovadoras, nas práticas produtivas e organizacionais construídas pelas agricultoras associadas à AMA, que colocam frente a frente conhecimentos e práticas das agricultoras na implantação de projetos para o desenvolvimento rural na Comunidade rural do Ajó.

Foram utilizados instrumentais qualitativos incluindo entrevistas semiestruturadas, a observação participante e o diário de campo. Todas as 11 agricultoras associadas à AMA foram entrevistadas entre os meses de julho a agosto de 2022, para esse momento, além do diário de campo, o uso de gravador de áudio foi fundamental, para auxiliar na transcrição precisa das falas para posterior análise. As observações participantes foram realizadas no âmbito da associação, permitindo coletar dados através da nossa participação nas atividades do cotidiano das mulheres, assim como: reuniões, formações, palestras, colheita das frutas, extração das polpas, na produção e áreas produtivas das agricultoras associadas à AMA.

### **A Produção de Novidades**

---

<sup>1</sup> Vale salientar que as reflexões aqui apresentadas são resultantes da pesquisa de mestrado de uma das autoras, em que foram utilizadas diferentes estratégias de pesquisa de acordo com os princípios da pesquisa qualitativa e do estudo de caso focado na AMA.

As novidades possuem potencial para promover melhorias em rotinas existentes. Para Ploeg (2004), uma novidade é:

[...] uma modificação e, às vezes, uma ruptura com as rotinas existentes. É, de certa forma, um desvio. Uma novidade pode surgir e funcionar como um novo insight sobre uma prática existente ou pode consistir em uma nova prática. [...] (Ploeg, 2004, p. 01).

Nesse sentido, apesar da importância que os conhecimentos dos agricultores possuem na produção de novidades, Oliveira, Gazolla e Schneider (2011) afirmam que estes não operam isoladamente, “[...] mas em diálogo com outros atores sociais, instituições e tipos de conhecimentos[...]” (Oliveira; Gazolla; Schneider, 2011, p. 45). O que revela a capacidade que os agricultores possuem em utilizar o seu conhecimento e o conhecimento científico para produzir estratégias ou práticas que podem possibilitar melhorias nas rotinas existentes.

Tais melhorias são observadas no encontro de soluções viáveis aos problemas diários que os agricultores precisam enfrentar, desde a otimização de uso do meio biofísico à construção de redes de cooperação, bem como a construção de alternativas viáveis de desenvolvimento que levem em consideração os seus interesses e necessidades.

Medeiros *et al.* (2020) destacam que as novidades também rompem com um padrão linear de produção de conhecimentos, pois se baseiam no conhecimento e na destreza dos agricultores. Colocam em ênfase, também, a possibilidade de rompimento de padrões de produção, que se fundamentam exclusivamente na economia e acabam por desvalorizar a identidade cultural dos atores sociais e restringindo sua autonomia. Ademais, as novidades valorizam as especificidades socioambientais e culturais dos atores sociais, fomentam os processos de transformação que têm seu início no nível local e podem irradiar mudanças em esferas sociais, políticas e socioeconômicas, em níveis para além do local (Medeiros *et al.* 2020).

A produção de novidades tem por base a capacidade de agência dos atores sociais, que promovem ações e estratégias em busca de soluções para enfrentar os seus problemas ou romper com estruturas desfavoráveis ao desenvolvimento (Ploeg, 2004), tendo por direção o conhecimento contextual, que é originado pelo acúmulo de habilidades e capacidades desses atores, sendo esse conhecimento uma fonte importante de produção de novidades.

Para os autores Oostindie e Broekhuizen (2008, p.70): “as novidades incorporam novas (e muitas vezes inesperadas) combinações de elementos heterogêneos de conhecimento contidos no estoque de conhecimento contextual”. O que evidencia que a produção de novidades está associada intimamente com o conhecimento contextual.

Além disso, para os mesmos autores, a emergência de novidades percorre quatro trajetórias distintas. A primeira trajetória trata-se da “melhoria de recursos”, que está relacionada a ideia de coprodução, por meio da qual a natureza vai ser construída, ajustada a partir das ações da sociedade e, os interesses da sociedade serão pautados pelas limitações naturais. Portanto, a melhoria de recursos refere-se aos processos de articulação social e natural e, principalmente, ao aproveitamento ótimo dos recursos que já estão dispostos para os atores sociais.

A segunda trajetória é a “sintonia fina”, que diz respeito à busca constante dos agricultores ao fator limitante da produção, que após serem identificados, precisam ser corrigidos ou ajustados para que se tenha uma produção que corresponda às necessidades dos atores sociais. A terceira trajetória na emergência de novidades é a “transposição de fronteiras”, que tem a ver com a inclusão de novas atividades por parte dos agricultores, sempre relacionada a uma prática ou a uma ideia que emergiu com a novidade. Essa nova prática pode ser atravessada pela transformação e comercialização de alimentos, ou por medidas de proteção ambiental da natureza, por exemplo.

Por fim, na quarta trajetória, tem-se o “reordenamento de uso de recursos”, que implica mostrar que uma novidade desencadeia outras práticas e iniciativas que também correspondem a setores não agrícolas, por exemplo. Esse reordenamento evidencia que conexões do tipo global e local são bastante significativas no processo de emergência de novidades e que o envolvimento de setores para além da agricultura se mostra basilar à produção de novidades.

De modo geral, e ainda de acordo com Oostindie e Broekhuizen (2008), as novidades não são apenas maneiras diferentes de pensar, mas também de incorporar, às redes de relações sociais, artefatos e os mais variados tipos de recursos, sejam eles tecnológicos ou de campos de conhecimento relacionados ao processo de produção. Assim como podemos observar nos movimentos de associações no campo, que fortalecem os agricultores familiares na busca por novos modos de produção, de se mobilizarem para a construção de caminhos para a manutenção de direitos, de administrar suas propriedades e de manter-se produzindo para a sua existência e de sua família.

### **1. A constante sintonia fina nas transformações socioprodutivas do Ajó**

A Comunidade rural de Ajó, está localizada na zona rural do município de Cametá no estado do Pará, é formada por ambientes de várzea e terra firme, distante aproximadamente, 5 (cinco) quilômetros do centro urbano do município. Para se chegar a essa comunidade desde a sede do município, o acesso dá-se por via terrestre, com percurso feito pela estrada do Ajó. Em

levantamento populacional realizado pela autora em 2022, constatou-se um total de 100 famílias e aproximadamente 600 moradores, 55% corresponde ao gênero feminino e 45% ao gênero masculino.

Antigamente na comunidade o cultivo da mandioca e da pimenta-do-reino predominavam, após formações e cursos ministrados pela Associação Paraense de Apoio às Comunidades Carentes – APACC<sup>2</sup>, esses moradores entenderam a importância de diversificar a sua produção tanto para uma questão financeira e, também para o meio ambiente, possibilitando uma maior sustentabilidade. E com isso, atualmente a base produtiva das famílias na comunidade pauta-se no cultivo de espécies vegetais, como as frutíferas (limão, laranja, pupunha, mamão, banana, acerola, abacaxi, goiaba, bacuri, cupuaçu, manga, taperebá e tangerina), o extrativismo do açaí e da castanha-do-Pará, horticultura, piscicultura, criação de animais (boi, porco, galinha e pato) e alguns moradores ainda plantam a mandioca apenas para a produção da farinha.

Atualmente, a fonte de renda das famílias residentes na comunidade provém da comercialização dos produtos agroecológicos<sup>3</sup> e do extrativismo da castanha-do-Pará da localidade, por meio da AMA ou da venda direta em feiras locais ou agroecológicas promovidas pela APACC, de políticas públicas de transferência de renda – como o Bolsa Família<sup>4</sup> –, de comércios locais, da aposentadoria, do trabalho autônomo e do mercado informal. Poucos moradores são servidores públicos concursados. Estes basicamente atuam como professores.

A AMA é uma iniciativa coletiva por meio da qual, distintas agricultoras da comunidade rural de Ajó, têm a oportunidade de se fortalecerem enquanto grupo, bem como de consolidar as suas atividades produtivas e organizacionais e, desta forma, assegurarem a sua reprodução social (Maia; Alves, 2013). A organização foi formalizada, no ano de 2007, em busca de melhorias para os moradores da comunidade. Sua principal estratégia, desde o início, foi valorizar os produtos agroalimentares disponíveis na comunidade rural de Ajó, em especial as frutas, de forma a estabelecer condições de fortalecimento na produção e da comercialização econômica agroextrativista na comunidade.

As atividades desenvolvidas na AMA estão relacionadas com o aproveitamento de frutas regionais disponíveis na comunidade rural do Ajó, que são utilizadas para a produção de polpas na agroindústria familiar<sup>6</sup> da AMA (manga, cupuaçu, taperebá, açaí, goiaba, acerola, caju), de geleias (manga, cupuaçu, goiaba), de chocolate (cacau), recheio dos bombons (coco, cupuaçu, bacuri, castanha-do-Pará). Além das atividades já citadas, a AMA comercializa as sementes de oleaginosas como do Tucumã em parceria com a Cooperativa Agroextrativista Resistência de Cameté – CART.

Referente a esse trabalho desenvolvido na associação, as agricultoras estão sempre em busca de soluções para os problemas diários com os quais elas se defrontam na sua produção agrícola. De acordo com Oostindie e Broekhuizen (2008), é nesse processo de busca de soluções para os problemas diários com os quais os agricultores se defrontam, que envolvem uma série de adaptações e processos de ajustes (ou, de sintonia fina) a extensa gama de fatores limitantes intrínsecos aos processos de produção agrícola, que a produção de novidades pode encontrar condições para se efetivar.

Nesse sentido, pode-se identificar que um dos fatores limitantes no processo produtivo percebidos pelas mulheres associadas à AMA foi a dificuldade de realizar o manejo correto de espécies vegetais em suas áreas produtivas e do solo, como afirma a agricultora associada à AMA Luzia Moraes:

Antes para fazer o manejo em nossas áreas produtivas, a gente queimava e derrubava as plantas. Mas, nós paramos de derrubar as árvores, não utilizamos insumos químicos, passamos a plantar nas nossas áreas produtivas. Após cursos e formações que participamos, nós paramos de desmatar, passamos a preservar, hoje nós plantamos e não cortamos. Em casa tenho taperebá, goiaba, acerola, açai, manga, cupuaçu e cacau. Nós procuramos diversificar a nossa produção, não utilizamos mais o fogo, não cortamos [...]. (Luzia Moraes, 42 anos, Comunidade rural de Ajó, Cametá-PA, Ago/2022).

De acordo com o relato da entrevistada Luzia, para realizar o manejo de espécies em suas áreas produtivas, essas mulheres faziam derrubadas, queimadas e uso de insumos químicos, que causavam impactos no solo, como a perda da fertilidade e erosão do mesmo (Do Carmo; Sabóia, 2021). Mas com o conhecimento contextualizado, potencializado pelos cursos e formações que essas mulheres participaram, essa maneira de realizar o manejo de espécies cultivadas foi repensada, levando em consideração distintos impactos causados que influenciavam na fertilidade do solo, no crescimento de espécies cultivadas e na manutenção da fauna local. E, dessa forma com a construção da sintonia fina o fator limitante da produção foi superado.

Em sua dissertação de mestrado, Medeiros (2011) ressalta que boa parte do conhecimento utilizado pelos agricultores para superar os fatores limitantes relacionados aos seus processos de produção, circulam entre eles em reuniões, cursos, formações, feiras e momentos de convívio. O que evidencia que essa interação de conhecimento contribui para a construção da sintonia fina por parte dos agricultores, possibilitando que sejam encontradas soluções para superar os fatores limitantes intrínsecos aos seus processos de produção.

No caso analisado, no Ajó, as formações e cursos foram fundamentais para que as mulheres que compõe a associação pudessem repensar e melhorar sua prática para superar os fatores limitantes relacionados aos seus processos de produção e, dessa forma utilizando de

maneira sustentável e responsável os recursos que provém da terra, conforme afirmam as agricultoras associadas à AMA Elisélia Marques e Ana dos Santos sobre as formações e cursos que as agricultoras associadas à AMA participaram:

Os cursos e formações que participamos foram bons, como esse curso de informática que tivemos no IFPA e com a CONEXSUS<sup>5</sup>, vai ser uma grande ajuda para AMA, com esses cursos [...] passamos a ter um maior entendimento sobre algumas técnicas, como de manipulação, bons modos (Elisélia Marques, 39 anos, Comunidade rural de Ajó, Cametá-PA, Jul/2022).

Essas formações acabam nos ajudando a enxergar outras possibilidades, como aconteceu com a nossa produção, com a natureza. Certamente, juntas, nós vamos aprendendo mais (Ana dos Santos, 41 anos, Comunidade rural de Ajó, Cametá-PA, Jul/2022).

Por meio desses relatos sobre as formações e cursos, verifica-se que o conhecimento contextual é resultante de uma construção, da prática cotidiana, se faz e refaz no advento da materialização das atividades produtivas. Com isso, mesmo que as atividades de rotina se baseiem em regras e organizações preestabelecidas, que não se dissociam de sujeito e objeto, há sempre um percentual de prática que se funda no conhecimento e se desvela quando surgem os problemas e dificuldades que surgem na rotina do trabalho, ou quando este está sendo realizado pela primeira vez (De Sousa; Charão-Marques; De Almeida, 2017). Nesses momentos, é possível compreender, à luz de Amin e Cohendet (2004), que as mulheres se descolam de uma relação absorvida de trabalho, entre ele e seu objeto, para uma relação de reflexão sobre seu trabalho.

De acordo com Long (2007) e Ploeg (2004), os atores pensam e refletem sobre suas experiências e dos outros, com quem compartilham a prática agroecológica e seus projetos, se afastando do entendimento desses atores como meros replicadores de técnicas. Como podemos visualizar na fala da agricultora Ana dos Santos (2022):

Quando nós temos a fruta, não sentimos dificuldade, conseguimos entregar uma demanda maior de polpas, mas quando não tem a fruta, nós sentimos dificuldades. Mas, buscamos uma solução: substituir por outra, sempre por aquela que deu mais. Antes dava muita manga e, a gente podia substituir ela por outra fruta que não dava, como a goiaba (Ana dos Santos, 41 anos, Comunidade rural de Ajó, Cametá-PA, Jul/2022).

A compreensão da situação permite que os atores se organizem e pensem em soluções possíveis para os seus problemas, mobilizando o conhecimento incorporado na própria experiência dos atores, sua organização social e na paisagem. Estes são entendidos como fonte de ideias (imaginação) que se exteriorizam para inovar em espaços de mudança (Arce, 2013).

As mulheres do Ajó utilizam estratégias para que sempre reaproveitem ou integrem em suas encomendas as frutas com maior potencial produtivo. Também por meio da sintonia fina

entre elas e o meio biofísico, passaram a melhorar a forma de utilização dos recursos que antes estragavam, como será visto na sequência.

### **Estratégias e práticas de melhoria de recursos entre as mulheres da AMA**

Técnicas e práticas de melhoria de recursos podem ser visualizadas na história de consolidação e fortalecimento da AMA, em especial aquelas relacionadas à noção de coprodução. Na medida em que as mulheres associadas à AMA se descobrem experimentadoras do aproveitamento ótimo do meio biofísico, o meio biofísico vai sendo melhorado também, como afirma a agricultora associada à AMA Ediléia Marques (2022):

Estamos valorizando as frutas da nossa região, que antes serviam apenas de alimentação para os animais, mas a maioria apodrecia no chão. Raramente a gente comia uma manga, o taperebá não tinha utilização. Mas, a partir da AMA, todas as frutas são aproveitadas, e isso gerou também, um cuidado maior com a natureza, isso é muito importante para nós que trabalhamos na AMA, para a natureza e para os agricultores da comunidade, porque nós dependemos da natureza para sobrevivermos e nos mantermos (Ediléia Marques, 57 anos, Comunidade rural de Ajó, Cametá-PA, Jul/2022).

A fala da agricultora Ediléia revela que o aproveitamento das frutas foi uma construção que se deu nas relações entre os atores da Comunidade rural do Ajó e outros atores sociais, se fundando nas raízes históricas deste coletivo com o ambiente/território em que vivem. O aproveitamento das frutas se interliga de forma direta com o conhecimento contextual ali produzido, por meio da relação dos atores com a natureza, entendendo que as práticas agrícolas, bem como os interesses dessas agricultoras são moldados pelos fatores naturais.

Os estudos de Medeiros (2011) sobre a produção de novidades na prática agrícola de agricultores no Rio Grande do Sul evidenciam que a produção de novidades é inerente à coprodução do social e do natural, o que permite entender a agricultura para além dos aspectos relacionados à questão produtiva. Nesse sentido, utilizar a noção de coprodução é entender que a agricultura “[...] não é construída somente pela utilização dos recursos naturais, mas também pela relação que se estabelece entre o social e o natural na melhoria desses recursos, assim como suas transformações e adaptações.” (Medeiros, 2011, p. 69).

Com base nos cursos e formações que as agricultoras associadas à AMA participaram, elas foram motivadas a praticar a agricultura de base agroecológica, por meio da qual elas têm se esforçado para estabelecer um conjunto de técnicas que visa integrar a produção com a preservação e conservação do meio ambiente, melhorando assim os recursos disponíveis para elas.

Entre as técnicas e as práticas de melhoria de recursos desenvolvidas pelas agricultoras associadas à AMA, com base nas observações em campo, destaca-se o manejo adequado de

espécies cultivadas e do solo, o que envolve a utilização de restos vegetais como adubo orgânico, para o enriquecimento da fertilidade do solo; a não utilização de fertilizantes sintéticos e agrotóxicos, bem como a diminuição do desmatamento e das queimadas.

Nesse processo, no qual os atores constroem respostas estratégicas para o ajustamento de problemas de produção que surgem diariamente, estão envolvidos a criatividade e o conhecimento dos agricultores. O que corrobora com Ploeg (2004), quando afirma que a Produção de Novidades está intimamente associada ao conhecimento contextual, sendo este originado pelo acúmulo de habilidades e capacidades ao longo da vida desses atores, que procuram criar maneiras de melhorar o uso dos recursos naturais.

As práticas produtivas das agricultoras associadas à AMA podem ser compreendidas como expressão de coprodução, afinal, a partir dessa noção, essas agricultoras passaram a operar em harmonia com a natureza e excluindo práticas prejudiciais para o meio ambiente. Ao mesmo tempo em que essas agricultoras utilizaram os recursos naturais disponíveis na comunidade (frutas), estes foram moldados, fortalecidos e recriados por intermédio da constante interação sociedade-natureza.

Isso revela a relação harmoniosa das agricultoras com o meio biofísico, uma vez que reconhecem que seus interesses estão sujeitos a limitações naturais que impactam diretamente na produção. Este entendimento leva essas mulheres a considerarem não apenas o espaço físico em que estão inseridas, mas também suas práticas, buscando transformar de maneira consciente o ambiente ao redor.

Assim, essas agricultoras estão constantemente desenvolvendo, resgatando e/ou reconstruindo um conjunto de novas estratégias. Estas estratégias visam não apenas a produção agrícola, mas também abrangem a comercialização, geração de renda e a proteção dos recursos naturais disponíveis. Esse comprometimento impulsiona-as a adotar medidas concretas, como a cessação de práticas prejudiciais como queimadas, derrubadas e o uso indiscriminado de insumos químicos. Em substituição, optam por práticas de manejo sustentável em suas propriedades.

A escolha por um modelo de produção agroecológica, como no caso da AMA, não é meramente uma preocupação ambiental, mas também uma abordagem comprometida com a produção de alimentos saudáveis. Além disso, essa decisão abraça a preservação das estratégias dos agricultores no âmbito econômico e sociocultural, conforme destacado por Altieri (1989).

2.

3. **A transposição de fronteiras na consolidação da AMA: o foco para as irradiações organizacionais**

A inclusão de novos domínios e atividades associadas a uma prática ou ideia à unidade de produção agrícola, como o processamento e comercialização de alimentos, bem como as ações e estratégias tomadas para a proteção ambiental, entre outras, implicam transposição de fronteiras. No contexto do desenvolvimento rural pode se relacionar a transposição de fronteiras ao “entrar no desconhecido”. Novas experiências são traduzidas em novos conhecimentos que, por sua vez, inspiram novas práticas. Sendo assim, ao transpor as fronteiras, novas técnicas, novos artefatos e novas redes têm de ser desenvolvidos e, desse modo, novos conhecimentos são necessários. Isso se aplica não somente à criação de novas atividades e novas redes que agregam renda e oportunidades de emprego no meio rural, como também à construção de novas respostas às necessidades que surgem e expectativas da sociedade, para a reconfiguração dos recursos rurais (Oostindie; Broekuizen, 2008).

Referente à reconfiguração de recursos sociais e naturais pelos atores, são imbuídas dos conhecimentos desses atores, e podem suscitar novidades. Os estudos dos autores Oliveira *et al.* (2011), sobre a produção de novidades, evidenciam que essa abordagem enfatiza o processo de inovação e produção de conhecimento na agricultura como produto do processo de busca por soluções possíveis as dificuldades diárias que são enfrentadas pelos agricultores, que para enfrentá-las eles buscam criar e inventar outras/novas formas de otimizar e qualificar o uso dos recursos existentes.

Com isso, os autores Oliveira *et al.* (2011) ressaltam que as práticas e estratégias inovativas não são compreendidas apenas como resultado da introdução de tecnologias ou de conhecimentos externos, mas principalmente como resultado do trabalho contínuo de ajustes que são feitos no cotidiano pelos agricultores em relação aos recursos que eles dispõem e manejam. Esses recursos podem estar relacionados tanto ao processo produtivo, aos modos de produção, ao próprio ecossistema, bem como, as relações de mercado estabelecidas.

Neste ajuste de problemas enfrentados diariamente, tanto o conhecimento científico, produzido externamente, quanto o conhecimento contextual, relacionado ao cotidiano dos agricultores, podem ser utilizados, e através desse intermédio de conhecimentos, das estratégias e práticas que as novidades são produzidas, o que evidencia a importância de os agricultores estabelecerem relações para fora da sua unidade de produção, dessa forma fazendo com que as fronteiras sejam transpostas.

Em seus trabalhos sobre a produção de novidades, Medeiros e Charão-marques (2014) colocam que “essas formas de transposição de fronteiras são constantemente criadas, recriadas e adaptadas no decorrer das vidas desses agricultores” (Medeiros; Charão-Marques, 2014, p. 62). Ao pegarmos emprestadas essas reflexões e olharmos para a iniciativa da criação da agroindústria da AMA, podemos compreender essa iniciativa como uma possibilidade de agregar valor comercial à produção das agricultoras associadas à AMA; acessar novos e diferentes canais de comercialização e mercados; gerar renda para essas mulheres e consequentemente aumentar a renda de suas famílias; aumentar a autonomia das agricultoras associadas à AMA frente ao contexto institucional, afinal a administração de todas as fases de colheita, extração, processamento, embalagem, armazenamento e vendas das polpas de frutas estão sobre o controle das agricultoras.

Essa iniciativa oportunizou a essas mulheres construir uma nova estratégia para transpor as fronteiras de suas unidades de produção, a partir da transformação das frutas em polpas, um processo que tem por base os princípios agroecológicos e dessa forma não utilizam conservantes ou outros aditivos químicos na elaboração das polpas de frutas. Com o desenvolvimento dessa iniciativa, novos conhecimentos foram necessários.

As interações que as agricultoras desenvolveram com outros atores sociais e instituições, bem como a recontextualização do conhecimento científico na busca de novos conhecimentos para o processo de produção das polpas de frutas, foram importantes para que as fronteiras das suas unidades de produção fossem transpostas.

Destaca-se uma outra iniciativa notável que transcende fronteiras, especialmente diante dos desafios impostos pela pandemia de *Covid-19*. As agricultoras vinculadas à AMA depararam-se com uma realidade desafiadora na comercialização de sua produção. As restrições para conter a propagação do vírus levaram à suspensão ou redução de mercados cruciais, como as feiras livres.

Diante desse cenário adverso, essas mulheres agricultoras identificaram nas plataformas digitais, como redes sociais e aplicativos de mensagens e chamadas de voz, uma oportunidade para escoar os produtos agroecológicos por elas cultivados, assim como os provenientes de agricultores não-associados residentes na comunidade do Ajó. A partir dessa percepção, essas empreendedoras passaram a comercializar seus produtos através do que denominaram de "*delivery* das cestas agroecológicas" durante o período da pandemia de *Covid-19*.

As agricultoras utilizaram o aplicativo de mensagens e chamadas de voz denominado *WhatsApp* para o comércio eletrônico dos produtos agroecológicos e da rede social chamada *Instagram* para publicidade dos produtos agroecológicos comercializados. Com base nas

informações contidas na figura destaca acima, o *delivery* das cestas funciona através de um grupo criado pelas agricultoras associadas à AMA no aplicativo *whatsapp*, às segundas-feiras elas divulgam informações acerca dos produtos disponíveis, bem como os valores e os consumidores montam a sua lista de pedido. O grupo é fechado às quintas-feiras, para a contagem dos pedidos feitos e enviam a demanda dos produtos às agricultoras associadas à AMA e aos agricultores não-associados. Para o *delivery* elas delimitam um valor mínimo para pedido e cobram uma taxa para entrega.

Essa dinâmica reflete não apenas uma resposta pragmática à adversidade, mas também uma postura proativa na construção de alternativas sustentáveis. Ao explorar novos horizontes comerciais e abraçar as possibilidades oferecidas pelas plataformas digitais, essas agricultoras estão não só se adaptando às mudanças, mas também moldando ativamente o curso de suas atividades agrícolas em direção a uma abordagem mais inovadora e conectada com a contemporaneidade.

### **Reordenamento de uso de recursos**

Ao longo dos tempos, a agricultura está em constante transformação e diferenciação. Nesse sentido, surgem novas práticas e estratégias, contendo recursos remodelados e novas combinações de recursos. Como aconteceu na comunidade rural de Ajó, que através de formações e orientações fornecidas pela APACC, os agricultores da comunidade começaram a entender que as práticas que realizavam na plantação da pimenta-do-reino e da mandioca causavam impactos no solo, como a perda da fertilidade e erosão do mesmo (Do Carmo; Sabóia, 2021).

As famílias, então, imbuídas de novos conhecimentos e possibilidades, deram início ao processo de diversificação de sua produção. Os agricultores passam a incluir nas plantações de pimenta-do-reino e mandioca outros tipos de cultivos, como: açaizeiro, aceroleira, goiabeira, bacurizeiro, cacauzeiro, cupuaçu, mangueira, pupunheira, taperebá e as leguminosas, por exemplo. Após alguns anos, a pimenta-do-reino deixou de ser cultivada na comunidade e deu espaço a vários Sistemas Agroflorestais – SAF<sup>6</sup>, possibilitando a diversificação de cultivos nas propriedades da comunidade, permanecendo a mandioca e, incluindo: hortaliças, frutas e outros produtos agroecológicos.

Ao reordenar o uso dos recursos, os agricultores estão conectando elementos de modo inovador, o que pode apresentar o estabelecimento de relação com elementos pertencentes a setores não agrícolas, evidenciando que “[...] tal reordenamento não se restringe aos limites da unidade de produção, tampouco às atividades agrícolas *stricto sensu*.” (Medeiros; Cazella; Tecchio, 2019, p. 28).

Nesse contexto, uma iniciativa que promoveu uma reconfiguração significativa no aproveitamento de recursos na AMA envolveu a construção de inter-relações sólidas com diversos atores, incluindo organizações não-governamentais, instituições de ensino e outras organizações sociais e técnicas.

Através dessas conexões, proporcionando espaços para a troca de informações, práticas e conhecimentos, as agricultoras associadas à AMA experimentaram uma transformação notável no uso de bens naturais disponíveis em suas áreas produtivas. Um exemplo claro desse impacto é observado no caso das frutas, que anteriormente eram destinadas exclusivamente ao consumo familiar ou alimentação animal. Contudo, por meio das relações estabelecidas com outros atores, essas frutas passaram a ser reconhecidas como produtos comercializáveis. E, a partir disso, foi possível para as agricultoras associadas à AMA acessarem algumas políticas públicas, como o Programa de aquisição de Alimentos – PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

A AMA desde o ano de 2009 acessa o PAA na modalidade<sup>7</sup> de Compra com Doação Simultânea operacionalizada pela Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, fornecendo polpas de diversas frutas (cupuaçu, manga, taperebá, goiaba, acerola e açaí). Acerca do PAA, Grisa *et al.* (2010) colocam que os produtos adquiridos dos agricultores familiares por esse programa, é com dispensa de licitação e são repassados “[...] aos programas públicos e organizações sociais que atendem pessoas com dificuldade de acesso aos alimentos ou em situação de risco alimentar.” (Grisa *et al.* 2010, p. 139). Em relação aos produtos adquiridos das agricultoras da AMA pelo PAA, são entregues a Pastoral da Criança<sup>8</sup> do município de Cametá-PA.

Em 2019, dez anos depois, a AMA conseguiu acessar o PNAE, por meio do qual, fornece alimentação escolar para os estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA/Campus Cametá-PA. Os lanches produzidos derivam de produtos agroecológicos disponíveis nas áreas produtivas das agricultoras, como: biscoitos da castanha-do-pará, bolos de macaxeira, suco, pães caseiros, mingau de açaí e salada de frutas regionais.

Essa mudança não apenas ampliou as possibilidades econômicas para as agricultoras, mas também demonstra como a colaboração e a interação entre a AMA e seus parceiros externos geraram novas perspectivas e práticas sustentáveis. A troca de conhecimentos não apenas enriqueceu as práticas agrícolas, mas também catalisou um redirecionamento estratégico na utilização dos recursos naturais disponíveis, contribuindo assim para a viabilidade econômica e ambiental das atividades produtivas das associadas à AMA. Como destaca a agricultora

associada à AMA Eliete Marques (2022), acerca do reordenamento de recursos a partir do estabelecimento das inter-relações entre a AMA e a APACC:

As primeiras formações que a APACC realizou com os moradores da comunidade, nos mostraram inicialmente a possibilidade de diversificar a nossa produção, que antes era só a lavoura da mandioca e a plantação da pimenta-do-reino. (Eliete Marques, 53 anos, Comunidade rural de Ajó, Cametá-PA, Ago/2022).

Com base no trecho da entrevista, é possível identificar que a parceria estabelecida com a APACC proporcionou às agricultoras associadas à AMA uma reflexão profunda sobre o ambiente em que vivem e produzem. As formações promovidas pela APACC mobilizaram processos de aprendizagem e troca de práticas e conhecimentos, tanto locais quanto técnico-científicos, resultando em uma mudança significativa no uso dos recursos naturais disponíveis. Um exemplo concreto desse impacto é a transformação das frutas de simples fontes de consumo familiar ou alimentação animal para produtos comercializáveis, que são comercializados em diferentes mercados, incluindo PAA, PNAE, feiras agroecológicas locais e regionais, eventos e empresas alimentares, como a MANIOCA<sup>9</sup>.

O desenvolvimento bem-sucedido da agroindústria permitiu que as agricultoras garantissem não apenas a alimentação e renda para suas famílias, mas também estabelecessem novas relações com diversos atores sociais, instituições de pesquisa, organizações sociais e ONGs. Isso abriu portas para o acesso a políticas públicas e novas formas de comercialização, como os mercados institucionais, diferenciando-se dos canais de vendas diretas utilizadas anteriormente, como feiras locais e atravessadores.

É crucial destacar elementos da diversidade socioespacial na região do Baixo Tocantins, como o tamanho das sedes dos municípios e a distância entre essas sedes e as comunidades rurais. Esses fatores impactam na infraestrutura e serviços disponíveis, influenciando a comercialização da produção. A criação da agroindústria da AMA permitiu que as agricultoras superassem as limitações de distância e acesso a mercados, deixando de depender exclusivamente de atravessadores para escoar sua produção e adquirir bens para o consumo familiar.

A diversificação dos canais de comercialização, que incluem mercados institucionais (PAA e PNAE), quiosques locais (locais pequenos que vendem lanches, como sucos), feiras agroecológicas (tratam-se de circuitos curtos de comercialização de produtos agrícolas dos agricultores familiares), empresas alimentares (como a MANIOCA, que produz alimentos com produtos da biodiversidade Amazônica), cooperativas (como a CART que é caracterizada como uma cooperativa de produção e comercialização de produtos agrícolas), vendas na própria

agroindústria e participação em eventos, não apenas evidencia o êxito da agroindústria, mas também marca a conquista significativa da independência pelas agricultoras.

A ampliação dos canais de comercialização da agroindústria da AMA impôs a necessidade de regulamentação, colocando as agricultoras associadas diante de desafios significativos, como a adaptação à legislação alimentar das agências do Estado, incluindo a obtenção das antigas Declarações de Aptidão ao Pronaf – DAP<sup>10</sup>, que atualmente foram substituídas pelo Cadastro Nacional da Agricultura Familiar – CAF<sup>11</sup>, e a conformidade com as normas da Vigilância Sanitária. Esses requisitos levaram as mulheres envolvidas a buscarem a expansão de suas redes sociais e interação com outros atores sociais, como ONGs, instituições de ensino e organizações locais, em busca de apoio ao desenvolvimento da agroindústria. Esse processo revela que, ao reorganizar o uso dos recursos, surgem transformações não apenas na produção, mas também em aspectos organizacionais e institucionais, conforme destacado por Medeiros (2011).

Ao enfrentar esses desafios regulatórios, as agricultoras associadas à AMA não apenas se adaptaram às exigências legais, mas também buscaram ativamente apoio externo, de diferentes atores sociais. Essa abordagem não só reforça a resiliência das agricultoras, mas também destaca sua capacidade de integração em processos mais amplos que contribuem para a mudança no regime da agricultura convencional.

A partir dessas dinâmicas, percebemos na AMA uma organização que valoriza os produtos que ali são cultivados, produzidos e viabiliza formas de acesso ao mercado, esta forma de cooperação se interliga com os modos de organização social, local e regional destas mulheres, que se alicerçam em dinâmicas territoriais específicas, pautadas na proximidade e identidade (Radomsky; Schneider, 2007).

Essas agricultoras estabelecem uma construção do seu espaço cotidiano, e de seu modo de organização social, seja na sua relação com os recursos naturais, bem como com os outros atores sociais ali presentes, vinculando-se ao território, às identidades e aos valores ali cultivados, construindo uma identidade local, pautada em seu modo de vida particular. Nesse contexto, são oportunizadas novas experiências de caráter inovador, na condução de estratégias de formas de sobrevivência, em colaboração para o desenvolvimento do meio social em que vive. Com isso, é necessário reconhecer, que através de suas relações de conhecimentos, esses atores, contribuem de forma fundamental e significativa para o desenvolvimento de seus territórios, por meio das relações estabelecidas com as inovações sociais (Diegues, 1998).

As parcerias que foram estabelecidas com diversos atores, instituições de ensino e organizações sociais constituíram-se como base do reordenamento de recursos que se seguiu na

AMA. Isto porque tais parcerias possibilitaram processos de conhecimentos que envolveu os conhecimentos dessas agricultoras e o conhecimento técnico, o que possibilitou as mudanças que aconteceram na associação. Essa articulação de conceito e práxis levam a compreensão de que o reordenamento de recursos é um dos construtos de significativa relevância nesse processo de consolidação da AMA como uma novidade organizacional.

### **Considerações Finais**

As práticas produtivas e organizacionais construídas pelas agricultoras associadas à AMA na Comunidade rural do Ajó, podem ser identificadas como adaptações e rearranjos que, fazendo parte do cotidiano delas, favorecem iniciativas e novas estratégias que se configuram como desvios em relação ao modelo hegemônico da modernização agrícola. Tais desvios levaram a novos e alternativos processos de desenvolvimento rural, nos quais se evidenciam a valorização dos conhecimentos dessas agricultoras e da diversidade socioambiental.

Dessa forma, as agricultoras constroem novas conexões entre o desenvolvimento de tecnologias e o contexto social ao qual estão inseridas, articulando-se com organizações sociais e técnicas e criando alternativas que valorizam especificidades socioambientais e econômicas dos seus modos de produção.

Diante disso, a AMA é considerada uma organização inovadora, pois demonstra como o conhecimento sobre a terra possibilitou que as mulheres do campo entendessem os tempos de colheita das frutas, o manejo das espécies vegetais e as melhores formas de armazenamento. A organização também se mostrou criativa ao enfrentar os desafios da pandemia, explorando o uso das redes sociais para a comercialização dos produtos agroecológicos e mantendo a qualidade e organização mesmo durante a crise pandêmica.

De modo geral, a partir das lentes teóricas utilizadas na análise desta pesquisa foi possível evidenciar estratégias inovadoras desenvolvidas pelas agricultoras associadas à AMA, tendo por base o conhecimento contextual, que possibilitou a elas o desenvolvimento de novas estratégias ou práticas, como o manejo das espécies vegetais e das melhores formas de armazenamento, bem como o ajuste a gama de fatores que limitam a produção das agricultoras, em iniciativas vinculadas à preservação dos recursos naturais disponíveis na comunidade e às novas perspectivas de trabalho na agricultura, capazes de orientar iniciativas sociotécnicas que, apesar de iniciarem no nível local, geram consequências para o nível macro.

Essas novas perspectivas, por sua vez, induzem atividades diferenciadas, a exemplo da agroindústria familiar da AMA, da comercialização das frutas regionais que antes apodreciam nos quintais das suas casas ou que em alguns casos serviam de alimentos para os animais e,

ainda, das inter-relações estabelecidas entre a AMA com diversos atores sociais, o que viabilizou cursos e formações, e expandiu as possibilidades socioeconômicas dessas agricultoras por meio das relações de reciprocidade, como a ajuda mútua, a confiança, a cooperação e o compartilhamento de recursos.

Em conclusão, espera-se que esta análise contribua para as discussões sobre agricultura familiar, valorizando o papel das mulheres como componentes fundamentais, e não apenas complementares, nos espaços de produção rural. No entanto, reconhece-se que há muito ainda a ser dito, questionado, problematizado e repensado, considerando as múltiplas narrativas presentes que contam histórias de vida e trabalho de gerações de mulheres que, por meio da AMA, constroem seus modos de existir e resistir no campo, enfrentando os desafios e redefinindo seus papéis na sociedade rural.

## **Notas**

**2** Trata-se de uma organização não governamental-ONG sem fins lucrativos ou econômicos fundada em 1994, que tem por objetivo contribuir pelo direito à educação e ao trabalho, visando o desenvolvimento sustentável e a justiça social na Amazônia.

**3** São alimentos produzidos de forma agroecológica, livres de fertilizantes e agrotóxicos, que visa integrar a produção com a conservação da biodiversidade, ou seja, são alimentos produzidos de forma sustentável (Altieri, 2004; Irineu, 2016).

**4** É a principal política pública de transferência de renda e combate à pobreza destinada a famílias economicamente vulneráveis. O programa foi instituído pelo governo federal em 2003 e foi substituído pelo auxílio Brasil no fim de 2021 (Rego; Pinzani, 2013; Lopes; Medeiros, Tecchio, 2021).

**5** Agroindústria familiar são compreendidas “como espaços de produção material de mercadorias e produtos que surgem da transformação das matérias-primas dos agricultores.” (Gazolla e Schneider, 2015, p. 179-180).

**6** A Conexões sustentáveis-CONEXUS é uma rede que articula ações estratégicas, como metodologias e instrumentos financeiros inovadores, que focam em soluções para os principais problemas verificados em negócios comunitários rurais e florestais.

**7** Caracterizam-se por uma “ampla variedade de formas de uso da terra, onde árvores e arbustos são cultivados de forma interativa com cultivos agrícolas, pastagens e/ou animais” visando a

sustentabilidade e até mesmo a recuperação de áreas degradadas (Ribaski; Montoya; Rodigheri, 2001; Do Carmo; Sabóia, 2021).

**8** Nesta modalidade os agricultores familiares devem estar organizados em cooperativas ou associações. Através desta modalidade é permitido que os produtos adquiridos dos agricultores familiares sejam doados às pessoas em insegurança alimentar no município, por meio da rede socioassistencial, por exemplo.

**9** Instituição da rede socioassistencial, por meio da qual a AMA faz a entrega das polpas de frutas para pessoas em situação de insegurança alimentar no município de Cametá-PA.

**10** A MANIOCA é uma empresa alimentar localizada em Belém-PA, que produz alimentos (molhos, geleias, granolas, farinhas e farofas) com produtos da biodiversidade Amazônica.

**11** A declaração de aptidão ao PRONAF- DAP trata-se de um documento de identidade do agricultor familiar, que serve para que os agricultores familiares tenham acesso às políticas públicas do governo federal de incentivo à produção e geração de renda (Siliprandi; Citrão, 2011).

**12** O CAF é um documento instituído pelo decreto nº9.064/2017, trata-se do instrumento da política nacional da agricultura familiar e requisito básico para o acesso a todas as políticas públicas de apoio e incentivo à produção agrícola familiar (Quijada; Cavichioli; Soares, 2020).

### **Referências bibliográficas**

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA; FASE, 1989.

ANDRADE, Marta Cleia; ALVES, Daniela Cristina. **Cooperativismo e Agricultura Familiar: um estudo de caso**. Revista de Administração IMED, v. 3, n. 3, p. 194-208, 2013.

AMIN, Ash; COHENDET, Patrick. **Architectures of knowledge: firms, capabilities and communities**. New York: Oxford, 2004.

ARCE, Alberto. **Conocimiento, espacio y actores en la innovación social**. Escalando innovaciones rurales, p. 37-85, 2013.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Construção do Conhecimento Agroecológico: Novos Papéis, Novas Identidades**. In: ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2., 2007, Brasília. Anais... Brasília: GT-CCA / ANA; Gráfica Popular, 2007. p. 257-267.

CHARÃO-MARQUES, Flávia. **Nicho e novidade: nuances de uma possível radicalização inovadora na agricultura**. Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. p. 189-204, 2011.

COSTABEBER, José Antônio; MOYANO, Eduardo. **Transição agroecológica e ação social coletiva**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v. 1, n. 4, p. 50-60, 2000.

DE SOUSA, Diego Neves; CHARÃO-MARQUES, Flávia; DE ALMEIDA, Hellen Christina Kato. **Novo programa, novos atores: inovação e agroecologia na agricultura familiar do Tocantins**. Embrapa Pesca e Aquicultura-Artigo em periódico indexado (ALICE), 2017.

DO CARMO, Ellen Patricia Marques; SABOIA, Tiago Corrêa. **Agroecossistemas e conhecimento etnoecológico**: contribuições para a conservação da biodiversidade no município de Cametá, Pará. Científica Digital, 2021.

GAZOLLA, Márcio; SCHNEIDER, Sérgio. **Conhecimentos, produção de novidades e transições sociotécnicas nas agroindústrias familiares**. Organizações Rurais & Agroindustriais, v. 17, n. 2, p. 179-194, 2015.

GRISA, Catia *et al.* O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) em perspectiva: apontamentos e questões para o debate. **Retratos de assentamentos**, v. 13, n. 1, p. 137-170, 2010.

IRINEU, Nádia Silvério Oliveira. **Dimensões da agroecologia na produção e comercialização de agricultores familiares no Distrito Federal e Entorno**. 2016.

LONG, Norman. **Sociología del desarrollo**: una perspectiva centrada en el actor. *Colección Investigaciones*. Traduzido por: Horacia Fajardo, Magdalena Villarreal, Pastora Rodríguez. Editora El Colegio de San Luis, 2007.

LOPES, Marcelo Rodrigues; MEDEIROS, Monique; TECCHIO, Andréia. Bolsa Família e a construção das capabilities entre agricultores familiares quilombolas do Baixo Tocantins, Pará. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, v. 14, n. 2, p. 86-106, 2021.

MAIA, Marta Andrade; ALVES, Daniela Cristina. **Cooperativismo e Agricultura familiar**: um estudo de caso. Revista de Administração IMED, v. 3, n. 3, p. 194-208, 2013.

MEDEIROS, Monique. **Diversidade de saberes em situações de interface**: A emergência da agricultura de base ecológica entre agricultores familiares no sul do rio grande do sul. 2011.

MEDEIROS, Monique; CHARÃO-MARQUES, Flávia. **Conhecendo a trajetória de emergência de ‘novidades’**: agricultores familiares, recriações e transformações no meio rural do sul do Rio Grande do Sul. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 9, n. 1, p. 51-71, 2014.

MEDEIROS, Monique; CAZELLA, Ademir Antonio; TECCHIO, Andréia. **Território rural de identidade Litoral Norte do Rio Grande do Sul**: o caráter inovador de sua constituição e seus desdobramentos. Margens: Revista Interdisciplinar do PPGCITU, 2019.

MEDEIROS, Monique *et al.* **A constituição de uma novidade organizacional no Sul do Brasil: avanços e limites da participação da agricultura familiar**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 58, 2020.

MILONE, Perlugi. **Agriculture in transition**: a neo-institutional analysis. Assen: Van Gorgum, 2009.

OLIVEIRA, Daniela *et al.* **A produção de novidades**: como os agricultores fazem para fazer diferente?. Schneider, Sergio; Gazzola, Marcio. (orgs.). Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. P. 91-113, 2011.

OLIVEIRA, Daniela; GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. **Produzindo novidades na agricultura familiar**: agregação de valor e agroecologia para o desenvolvimento rural. Cadernos de Ciência & Tecnologia, v. 28, n. 1, p. 17-49, 2011.

OOSTINDIE, Henk; VAN BROEKHUIZEN, Rudolf. **The dynamics of novelty production**. Unfolding Webs-The Dynamics of Regional Rural Development. Koninklijke Van Gorcum, 2008. p. 68-86.

PLOEG, Jan Douwe Van der. **On regimes, novelties, niches and co-production**. In: WISKERKE, J.S.C.; PLOEG, J. D. V. (Orgs.). **Seeds of transition**: essays on novelty production, niches and regimes in agriculture. Assen: Royal van Gorcum, 2004, p. 1-30.

RADOMSKY, Guilherme; SCHNEIDER, Sérgio. **Nas teias da economia**: o papel das redes sociais e da reciprocidade nos processos locais de desenvolvimento. Sociedade e Estado, v. 22, p. 249-284, 2007.

REGO, Walquiria Domingues Leão; PINZANI, Alessandro. **Liberdade, dinheiro e autonomia**. O caso da Bolsa Família. Política & Trabalho, n. 38, 2013.

RIBASKI, Jorge; MONTOYA VILCAHUAMAN, Luciano Javier; RODIGHERI, Honorino Roque. **Sistemas agroflorestais: aspectos ambientais e sócio-econômicos**. 2001.

SILIPRANDI, Emma; CINTRÃO, Rosângela. **As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. Segurança Alimentar e Nutricional, v. 18, n. 2, p. 13-32, 2011.

SILVA, Flávia Regina Fernandes. **Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul-PR**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 39, 2016.

SOUZA, Armando Lírio de. **Desenvolvimento territorial rural e a dinâmica da agricultura familiar no Baixo Tocantins (PA)**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Porto Alegre, 2011.

QUIJADA, Denis Willian; CAVICHIOLI, Fábio Alexandre; SOARES, Nathalia Maria. **Influência das políticas públicas na agricultura familiar**. Revista Interface Tecnológica, v. 17, n. 1, p. 340-351, 2020.

WEDIG, Josiane Carine. Colonialidade, apropriação da terra e resistências de mulheres camponesas através da agroecologia. **Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 5, 2022.